

21 NOV 1989

CORREIO BRAZILIENSE

Entre o choque e a dúvida

Na tarde do último dia 15, já constava da agenda do candidato Fernando Collor de Mello um telefonema a seu oponente Mário Covas. Antes mesmo das urnas começarem a falar, Collor já se propunha estabelecer uma ponte de contato com o líder dos tucanos. Se poderia fazê-lo logo, por que deixar para depois? E não através de emissários especiais, mandados conversar no ninho tucano, como a economista Zélia Cardoso de Mello: cioso de que sua estratégia deve ser conduzida por ele próprio, até para não perder eficácia, Collor também quis demonstrar sua admiração antiga pelo senador e tribuno a quem quis ver candidato a presidente da República ainda pelo próprio PMDB, antes da dissidência.

Não será fácil, todavia, para o candidato do PRN obter apoios explícitos a curto prazo. Os chefes políticos regionais transitam entre o choque e a dúvida. Diante das intenções de Fernando Collor, de navegar do centro à esquerda, avaliam-no como comandando uma nau sem bússola. Collor dá-lhes a impressão de ter juntado companheiros de aventura em todas as latitudes, meridianos e trópicos, reunindo políticos de massa crítica e moral divergente. Entendem, entretanto, que essa foi uma primeira fase, necessária, e que agora o candidato desejará refinar a sua grei, submetendo-a a segundo crivo, mais exigente. No Maranhão, por exemplo, dificilmente o senador João Castelo, sem dotes, continuará sendo o estepe de Collor, senão o

próprio governador Epitácio Cafeteira. Haveria igual troca de timão em diversos estados, provavelmente até em Minas.

Somente tal revelação de intenções poderá quebrar o gelo de líderes regionais do PMDB atualmente sem futuro definido, como Orestes Quércia, Álvaro Dias e Moreira Franco. Todos estarão impressados em seus estados pela Frente Brasil Popular ou ainda (Simon e Moreira) pelo que sobrou — e sobrou muito — de Brizola. Collor lhes parece uma solução viável, mas irão aguardar o desfecho nas negociações com o PSDB de Franco Montoro, Fernando Henrique Cardoso e José Serra. Até que algo de concreto ocorra, os governadores se manterão seduzidos pelo brilho emblemático das esquerdas, que a campanha de Lula acenderá no País, para atrair o vasto eleitorado progressista frustrado com as sucessivas perdas e traumas que a história nacional recente lhes impôs. Os que votaram em Mário Covas são os cidadãos livres que choraram a derrota das diretas já e a morte de Tancredo. Para onde esses forem, carregarão consigo revanchismo e carga para resgate.

Fernando Collor, pelo depoimento de alguns de seus amigos, mostra-se sensível à embocadura da história. Deseja, segundo aqueles, cultivar os canteiros da sensibilidade agônica do povo e nutri-los de novos ingredientes de mutação. O problema é que ele enfrentará Lula, que também representa o novo e o povo. É novidade demais.